Jornalismo, Literatura e Carlos Drummond de Andrade: a História do Clube Drummoniano de Poesia em Petrolina-PE[1]

Klébia Muricy de Souza PEIXINHO[2]
Tito Eugênio Santos SOUZA[3]
Macelle Khouri SANTOS[4]
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir teoricamente sobre as relações existentes entre Jornalismo e Literatura, que embora sejam campos distintos, podem dialogar entre si, influenciando-se mutuamente. Partindo dessa perspectiva, abordamos as possibilidades narrativas do livro-reportagem, gênero híbrido que combina técnicas jornalísticas com a estilística literária. Em seguida, realizamos uma breve análise da obra do poeta Carlos Drummond de Andrade, que além de ser um grande nome da Literatura Brasileira, inspirou um grupo de intelectuais a criarem o Clube Drummoniano de Poesia na cidade de Petrolina (PE), já no final da década de 1970. Com isso, objetivamos fundamentar a criação de um livro-reportagem, no qual pretendemos reconstituir a história do extinto Clube Drummoniano de Poesia.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Literatura; Livro-reportagem; Carlos Drummond de Andrade; Clube Drummoniano de Poesia.

1 INTRODUÇÃO

A intersecção entre o jornalismo e a literatura há muito vem provocando inúmeras discussões. Enquanto o primeiro está alicerçado na fidelidade aos fatos e no compromisso com a objetividade, esta se apoia principalmente na ficção para possibilitar a expressão do imaginário humano. Entretanto, apesar da aparente incompatibilidade, é possível estabelecer semelhanças entre eles, já que ambos possuem têm a palavra como ingrediente básico e imprescindível.

As relações existentes entre essas duas modalidades de comunicação fizeram surgir um "novo jornalismo", que revolucionou os parâmetros de escrita dos textos literários e jornalísticos. O mais recente modelo comunicacional ganhou amparo no livro-reportagem, espaço de ampliação do presente e registro do passado.

---

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Graduada em Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios e especialista em Ensino da Comunicação Social pela Universidade do Estado da Bahia, e-mail: kmuricy@uneb.br
[3] Graduado em Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios pela Universidade do Estado da Bahia e pós-graduando em Ensino Superior, Contemporaneidade e Novas Tecnologias pela Universidade Federal do Vale do São Francisco, e-mail:tito_souza@live.com
[4] Orientadora do trabalho. Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina, e-mail: macellekhouri@gmail.com

Longe de apresentar uma análise detalhada das relações entre o jornalismo e a literatura, o objetivo deste trabalho é realizar uma aproximação entre os dois campos, que nos servirá como ponto de partida para a criação de um livro-reportagem sobre a história do Clube Drummoniano de Poesia.

Inicialmente, realizamos um breve percurso histórico a partir da relação entre o jornalismo e a literatura, tendo como referência o surgimento do "novo jornalismo" e o despontar do livro-reportagem como gênero. Em seguida, situamos a obra poética de Carlos Drummond de Andrade no panorama da Literatura Brasileira, pontuando algumas de suas características notáveis. Por fim, apresentamos a trajetória do Clube Drummoniano de Poesia, que apesar da sua curta existência, constituiu-se em um marco significativo da história cultural petrolinense.

2 JORNALISMO E LITERATURA: DIÁLOGO POSSÍVEL

Não é de hoje que o jornalismo e a literatura se confundem. A relação entre esses dois campos iniciou-se ainda no século XVIII, ora confluindo, ora divergindo. A partir do final do século XIX, com o desenvolvimento industrial e a modernização da imprensa, a união do jornalismo com a literatura tornou-se mais evidente.

No Brasil, a chegada oficial da imprensa coincidiu com a vinda da família real portuguesa, em 1808. Antes disso, quando o país ainda permanecia colônia de Portugal, qualquer atividade jornalística encontrava-se terminantemente proibida. Mas isso não impediu o surgimento do jornal *Correio Brasiliense*, editado em Londres pelo português Hipólito da Costa. O periódico chegava mensalmente ao Brasil e caracterizava-se pelo seu teor opinativo e político. O jornal, mesmo artesanal e feito por panfletários, era utilizado por grupos políticos como instrumento de poder. Sales (2006, p. 78) explica que esse "era o tempo da pequena imprensa, dos repórteres-estadistas, do humorismo, do panfletarismo. Os grupos políticos brigavam através dos jornais, fossem eles oficiais, governistas ou de oposição".

Na virada para 1900, mudanças sistêmicas influenciaram as relações imprensa-literatura. O processo de urbanização e modernização contribuiu para a transformação da imprensa artesanal em industrial, tudo isso impulsionado por diversas alterações em vários setores da sociedade. Surgiam novas empresas e a economia ganhava grande impulso com a produção de café, algodão, cacau e borracha. O mercado consumidor se ampliava e, aos

poucos, a mão de obra escrava era substituída pela assalariada. A eletricidade, o desenvolvimento dos transportes e das comunicações, bem como a elevação do nível de alfabetização e renda das populações, marcaram o período.

Esse contexto de desenvolvimento impulsionou também o jornalismo. Por conseguinte, o jornal precisou adequar-se à nova realidade social e tornou-se uma empresa. A prática jornalística foi impactada com novas rotinas e procedimentos. O trabalho passou a ser setorizado e a racionalização de custos tornou-se uma grande preocupação. As máquinas de impressão foram renovadas, os anúncios ganharam mais espaço nos periódicos diante de vendas avulsas e de assinaturas. "O jornalismo circunstancial, individual, ligado diretamente a figuras de prestígio estava por se superar" (SALES, 2006, p. 79).

O crescimento dos jornais exigiu a contratação de profissionais para que neles escrevessem. Com isso, vários literatos brasileiros se aventuraram a exercer a função de jornalista. Lima (2004) descreve-nos este momento:

> A partir da década de 1850 e até o final do século XIX, apenas para citar um marco temporal, trabalharam em jornal escritores como Manuel Antônio de Almeida – autor de Memórias de um Sargento de Milícias -, no Correio Mercantil (do Rio de Janeiro), José de Alencar – que chegou a ser redator-chefe do Diário do Rio de Janeiro -, Gonçalves Dias, Joaquim Manuel de Macedo – ambos na Revista Popular – e tantos outros de menor projeção pública (idem, p. 135-136).

Nesse período, a literatura também passava por importantes transformações, marcadas principalmente pela substituição da escola romântica pelo realismo-naturalismo. As características desta escola, como a precisão, a objetividade, detalhes narrativos e linguagem econômica, de certo modo aproximavam-se das concepções jornalísticas. Como a literatura não oferecia razoáveis condições de subsistência, os literatos buscaram a imprensa para garantir o sustento da família e ganhar notoriedade. Assim, a literatura ganhou espaço nos jornais.

Nas redações, os "novos jornalistas" utilizavam uma linguagem abundante, caracterizada por uma escrita rebuscada. Para a época, escrever bem significava escrever difícil, com palavras raras do dicionário. Isso não se restringia apenas aos literatos, os repórteres também apresentavam textos jornalísticos carregados de prolixidade, discurso vazio e muita retórica. Para se ter uma ideia, as informações sobre aniversários, casamentos ou festas apareciam em linguagem melosa. Era muito comum o uso de palavras como "rubiácea" em vez de "café", "nosocômio" para "hospital" e "necrópole" no lugar de

"cemitério". Porém, gradualmente a imprensa passou a exigir reportagens objetivas, entrevistas, notícias.

O jornalismo absorveu elementos do fazer literário transformando-os, adaptando-os. Primeiro, o jornalismo apoiou-se na literatura. Em seguida, esta o utilizou para representar o real e incorporar estilo de expressão escrita diferente do jornalismo. Atualmente, é possível perceber três categorias de obras com recursos literários: as de ficção, as jornalísticas e as que mesclam a ficção e o factual.

O jornalismo ainda teria que reelaborar e projetar, para níveis superiores, sua contínua interação com a arte literária. Para tanto, ele teria que sofisticar seu instrumental de expressão e elevar seu potencial de captação do real. Essa corrente, denominada novo jornalismo, resgataria o jornalismo literário conduzindo-o a uma cirurgia plástica renovadora sem precedentes (LIMA, 2004).

2.1 O novo jornalismo

Nos anos 1960, os Estados Unidos viveram uma grande efervescência de transformações sociais, comportamentais e culturais que não estavam sendo retratadas pelos romancistas. A liberdade sexual, o festival de rock de *Woodstock* e o protesto de jovens contra a Guerra do Vietnã chocavam os mais conservadores.

Os pioneiros do novo jornalismo penetraram nessa realidade com as *features* (matérias frias). Aos poucos, foram transformando as matérias frias até o ponto de não mais haver identificação com o modelo que lhes deu partida. Cresceram em jornais, periódicos e revistas e, enfim, alcançaram o estrelado narrativo no livro-reportagem. O marco inicial da maturidade alcançado encontra-se em *A sangue frio*, de Truman Capote, lançado em 1966. O realismo tornou-se a principal fonte de inspiração dos escritores. Tal estilo literário surgira na Europa, na segunda metade do século XIX.

> O realismo não é meramente outra postura ou atitude literária. A introdução do realismo detalhado na literatura inglesa do século XVIII foi igual à introdução da eletricidade na tecnologia das máquinas. Elevou o nível da arte a uma grandeza inteiramente nova. E qualquer um que tente, na ficção ou na não ficção, melhorar a técnica literária abandonando o realismo social será como um engenheiro que tenta melhorar a tecnologia das máquinas abandonando a eletricidade (WOLFE, 2005, p.8).

Para Lima (2004), o novo jornalismo trouxe à luz dos holofotes o mergulho completo de corpo e mente na realidade. À objetividade da captação linear, soma-se a subjetividade impregnada de impressões do repórter, totalmente imerso no real. Com o livro-reportagem, o novo jornalismo despertou a atenção dos literatos e ganhou certo reconhecimento. A partir de então, os escritores buscavam inspiração no jornalismo e não o contrário.

Em 1969, o novo jornalismo alcançou um *status* literário próprio, constituindo-se num gênero que não poderia mais ser considerado inferior. Tendo como fonte inspiradora o realismo social, a narrativa desses jornalistas apropriou-se de recursos técnicos como o ponto de vista autobiográfico em terceira pessoa e o registro fiel dos traços do cotidiano. E ainda, na perspectiva de Wolfe (2005), a construção cena a cena e o registro do diálogo por completo. Para reproduzir o real, os jornalistas constroem fluxos de consciência e diálogos que se tornaram alvos de ferrenhas críticas.

Em princípio, questionava-se a veracidade dos diálogos, sobretudo o monólogo interior e suas variantes. De qualquer modo, alguns críticos admitem que o atual jornalismo literário melhorou muito. A narrativa empregada hoje nos Estados Unidos, tanto em matérias frias como quentes, utiliza um leque de técnicas mais sofisticadas.

Segundo Lima (2004), o principal legado do novo jornalismo – a de que a melhor reportagem, no sentido da abordagem de campo e fidelidade ao real, pode combinar-se muito bem com a melhor técnica literária – encontrou sua expressão mais autêntica no livro-reportagem. Este oferece condições ideais para a narrativa jornalística que precisa escapar à produção industrial cerceadora do jornalismo criativo. O novo jornalismo vem quebrar o uso da técnica clássica jornalística e introduzir uma nova forma de relatar fatos reais.

No Brasil, o escritor Euclides da Cunha foi quem primeiro explorou os limites da narrativa ao retratar, de forma intelectual, o sertão agreste inconquistado. Dessa mesma forma, João do Rio apareceu com a reportagem de campo no espaço urbano ainda por reconhecer-se. O surgimento da revista *Realidade*, em um período de grandes mudanças no país, revolucionou o jornalismo nacional.

O periódico mensal apresentou (1966-1970) uma proposta editorial que revelava o Brasil em suas múltiplas facetas (economia, arte, religião, comportamento humano, esporte, política). As elites e a periferia estavam representadas em matérias humanizadas,

contextualizadas e com embasamento documental. A primazia do texto literário e a riqueza ilustrativa também contribuíram para tornar a revista um marco de época com mérito.

Realidade e o *Jornal da Tarde* impulsionaram a reportagem no Brasil. O Jornal se destacou pela criatividade literária e pela busca da interpretação. Mais tarde, *A Folha de São Paulo* também investiu no jornalismo interpretativo, com o lançamento de cadernos de reportagens extensas. Então, surgiu o interesse comercial de produção instantânea de livro-reportagem: um produto híbrido entre a revista e o livro com abertura para as denúncias represadas por jornais.

2.2 Livro-reportagem: a intersecção entre o jornalismo e a literatura

O livro-reportagem pode ser considerando um gênero híbrido, pois a um só tempo reúne características que o aproximam do jornalismo e da literatura. Assim como os acontecimentos do mundo real orientam a produção da notícia, o livro-reportagem também exige para si uma veracidade e uma verossimilhança que o jornalismo não abre mão. Por outro lado, guarda semelhanças estilísticas com a literatura, seja pela estrutura narrativa utilizada ou pela maior liberdade de escrita.

De acordo com Lima (2004), o livro-reportagem caracteriza-se como um veículo de comunicação impressa não periódica, permitindo uma maior amplitude de tratamento acerca de determinado tema, se comparado ao jornal, à revista ou às mídias eletrônicas. Esse grau de amplitude manifesta-se tanto no aspecto extensivo, de ampliação do relato, quanto no aspecto intensivo, de detalhamento, e também pela combinação desses dois fatores.

Pena (2006) afirma que o jornalismo literário permite potencializar os recursos do jornalismo, proporcionando visões amplas da realidade e possibilitando profundidade aos relatos. Para o autor, uma das características do jornalismo literário é a perenidade: diferentemente das reportagens do cotidiano, que caem no esquecimento das pessoas no dia seguinte, um livro-reportagem é uma obra que permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual.

Como destaca Lima (2004), o livro-reportagem possibilita a abordagem de temas um pouco mais distantes no tempo, não se limitando ao rigorosamente atual. Enquanto para o jornal diário o atual é o ocorrido ontem, no livro-reportagem ocorre uma extensão do

tempo presente, superando o imediatismo da notícia que é publicada nos periódicos. Segundo o autor, além de informar, a função do livro-reportagem é:

> Orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo (idem, p. 39).

Segundo Pena (2006), a união de elementos presentes em dois gêneros diferentes fez surgir um inevitável caminho de metamorfose. Jornalismo e literatura transformam-se para formar um terceiro gênero. Para o autor, não se trata da dicotomia entre ficção ou verdade, nem da oposição informar ou entreter; trata-se de uma verossimilhança possível, de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de livro-reportagem – espaço de autonomia.

2.3 O resgate do tempo e da memória através do livro-reportagem

Além de propiciar um autêntico encontro entre Jornalismo e Literatura, o livro-reportagem também permite revisitar o passado e reconstruí-lo, seja por meio da pesquisa histórica e/ou pelo resgate da memória. Através dele, fatos dispersos no tempo e no espaço podem ser retomados e reconstituídos, tomando-se como referência a memória dos sujeitos que participaram da história a ser contada.

Segundo Bergson (apud BOSI, 1994), a memória permite a relação entre presente e passado e, ao mesmo tempo, intervém no processo das representações atuais:

> Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (idem, p. 47).

Desse modo, a partir da memória individual dos sujeitos é possível alcançar uma memória coletiva. Halbwachs (1999) considera que a memória particular relaciona-se diretamente com o grupo ao qual o indivíduo pertence, sendo parte de uma memória coletiva. Assim, a rememoração individual se faz na tessitura das memórias de grupo, alimentando-se da memória coletiva e histórica.

Bosi (1994) afirma que a linguagem é o instrumento socializador da memória por excelência. É através da linguagem que os indivíduos interagem entre si, e é também por meio dela que narram suas experiências de vida. Nesse sentido, lembrar e narrar são manifestações de linguagem que caminham juntas.

Para Jovechelovitch e Bauer (2008), toda experiência humana pode ser expressa na forma de uma narrativa. Contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana, e através da narrativa as pessoas não apenas lembram o que aconteceu, mas também ordenam a experiência em uma sequência, estabelecendo relações entre os diferentes acontecimentos e encontrando possíveis explicações para isso.

Assim, considerando as suas possibilidades narrativas, o livro-reportagem constitui-se em um importante instrumento de registro, permitindo a preservação da memória e o resgate da história cultural. De acordo com Réche (2009), ao ser utilizada como recurso, a memória resgata com riqueza os acontecimentos psicológicos e sociais dos personagens envolvidos. "Em um livro-reportagem, trabalhando-se com a memória e com alguns arquivos pessoais, esse 'estar ali' seria se apossar dos fatos narrados para construir uma narrativa da vida real" (idem, p.6).

Desse modo, situamos nossas reflexões acerca deste gênero como ponto de partida para a criação de um livro-reportagem sobre a história do Clube Drummoniano de Poesia em Petrolina (PE).

3 DRUMMOND E O MODERNISMO BRASILEIRO

A inovação da linguagem poética e o rompimento com os modelos literários predominantes no século XIX e início do século XX são características do modernismo brasileiro, que se inicia simbolicamente com a Semana de Arte Moderna de 1922. O evento, realizado em São Paulo por um grupo de artistas e intelectuais por ocasião do centenário da Independência, propunha um novo ponto de vista estético, defendendo a liberdade criadora e uma arte que fosse tipicamente brasileira. Decretava-se, assim, o rompimento com o tradicionalismo cultural associado às correntes literárias e artísticas anteriores, a exemplo do parnasianismo, do simbolismo e da arte acadêmica.

Herdeiro dessas inovações literárias introduzidas pelos modernistas, o poeta Carlos Drummond de Andrade, acabou trilhando um caminho próprio, buscando sempre novas possibilidades expressivas. Para Villaça (apud FAVA 2002, p. 6-7), "a poesia de

Drummond é personalíssima, individualíssima, tanto nos temas que frequenta (entre eles, as raízes mineiras e provincianas, oposição entre o arcaico e o moderno) como nas várias soluções de estilo que adotou ao longo dos seus mais de 60 anos de poesia".

Poeta, contista e cronista, Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira, Minas Gerais, em 1902, e faleceu aos 85 anos de idade no Rio de Janeiro. Ao longo da sua vida, produziu mais de 40 livros, com traduções em diferentes idiomas. Considerado pela crítica especializada como um dos maiores poetas da língua portuguesa, Drummond tem seu lugar reconhecido no panorama da literatura latino-americana e universal. Ainda segundo Villaça apud Fava (2002, 6-7), a importância do poeta para a literatura brasileira "está na altura a que ele elevou um discurso poético carregado, ao mesmo tempo, de reflexão inteligente e fortíssima sensibilidade, de tal modo que o leitor é envolvido por uma onda rítmica, onde belas imagens e iluminações do pensamento se dialetizam o tempo todo".

Em seu livro "Drummond: o *gauche* no tempo", Affonso Romano de Sant'ana (2008) analisa cuidadosamente a trajetória poética de Carlos Drummond de Andrade, estabelecendo uma divisão da obra do poeta em três grandes momentos. Segundo ele, a poesia de Drummond pode ser comparada a uma grande peça de teatro, que se desenvolve a partir do conflito "Eu versus Mundo", desdobrando-se em três atos: "Eu maior que o Mundo", "Eu menor que o Mundo" e "Eu igual ao Mundo".

No primeiro ato, o poeta considera-se maior que o mundo, numa atitude de jovem irônico que ainda não experimentou o desgaste do tempo e os grandes conflitos da existência humana. Essa condição é claramente identificada no primeiro poema do seu primeiro livro: "Mundo mundo vasto mundo,/ mais vasto é meu coração"[5] (DRUMMOND, 1930, p. 11).

O segundo ato instaura-se com o sintomático título do livro "Sentimento do mundo", no qual o poeta já se considera menor que o mundo e realiza uma autocrítica: "Não, meu coração não é maior que o mundo./ É muito menor./ Nele não cabem nem as minhas dores"[6] (DRUMMOND, 1940, p. 113). A partir deste momento, Drummond assume uma postura de solidariedade face ao sofrimento humano e volta-se para as questões sociais, e prossegue dizendo: "Viste as diferentes cores dos homens,/as diferentes dores dos homens,/ sabes como é difícil sofrer tudo isso, amontoar tudo isso/ num só peito de homem... sem que ele estale" (idem, p. 113).

[5] Versos extraídos do "Poema de Sete Faces".
[6] Versos extraídos do poema "Mundo grande".

Por fim, no terceiro ato, o poeta atinge uma condição de equilíbrio entre ele e o mundo, privilegiando uma visão metafísica da vida: "O mundo é grande e pequeno"[7] (1945, p.96). A essa altura, já descobriu que o tempo é tão implacável que deixa marcas não somente na pele, mas na própria existência humana: "Sinto que o tempo sobre mim abate/ sua mão pesada. Rugas, dentes, calva.../ Uma aceitação maior de tudo,/ e o medo de novas descobertas"[8] (DRUMMOND, 1945, p. 145).

Além dessa perspectiva temporal, o livro de Sant'Anna (2008) realça também a condição gauche do poeta, que se apresenta em cena como um personagem naturalmente desajeitado, tímido e em permanente conflito com as coisas ao seu redor. Sendo o aspecto gauche um elemento visceral da obra drummondiana, ele interfere diretamente na relação do poeta com o mundo e sua atitude diante do tempo. É dessa forma que o autor analisa a criação poética de Drummond, estabelecendo ainda semelhanças entre a obra do poeta e o pensamento metafísico do filósofo alemão Martin Heidegger.

3.1 Os Drummonianos em Petrolina

Em 1977, ano em que completou 75 anos de idade, Carlos Drummond de Andrade era considerado o mais célebre poeta brasileiro ainda vivo. Consagrado pela crítica e pelo público, por essa época Drummond já ostentava o título de "poeta maior", sendo reconhecido como um dos maiores ícones da literatura brasileira. Entre poesias, contos e crônicas, a obra do poeta não apenas conquistou um grupo de admiradores fiéis, mas também fez surgir na cidade de Petrolina (PE) o Clube Drummoniano de Poesia, inaugurado em outubro daquele ano.

A criação do Clube representou um momento bastante significativo na história cultural da cidade. Para Elisabet Moreira, uma das ex-integrantes do clube, este representou um divisor de águas na literatura local: "O clube marcou a história da cidade. A literatura de Petrolina teve o antes e o depois do clube. O movimento modernista ainda não tinha chegado e o que se fazia em termos de poesia era o parnasianismo e o romantismo" (MOREIRA, 2010).

O Clube Drummoniano de Poesia foi fundado no dia 9 de outubro de 1977, por iniciativa do então jovem escritor José Olivá Apolinário, grande admirador de Drummond.

[7]Versos extraídos do poema "Caso do vestido".
[8] Versos extraídos do poema "Versos à boca da noite".

Em entrevista concedida através de correio eletrônico (*e-mail*), Apolinário esclarece os motivos que o levaram à criação do clube:

> Na verdade, o clube Drummoniano nasceu, inicialmente, das minhas conversas com o poeta Raulino Sampaio. Ele era de outra geração, mas aberto ao novo. Conversávamos muito sobre a poesia do Drummond, sobre a Semana de Arte Moderna. Daí surgiu a ideia de criar o clube, para homenagear o Drummond pelo seu aniversário. Porém o que me/nos levou à criação do clube, além da homenagem, foi o trabalho de incentivar e divulgar o potencial literário e artístico de Petrolina das décadas 70 e 80[9].

Diante disso, Apolinário decidiu prestar uma homenagem ao poeta itabirano pelos seus 75 anos de idade. Chegou a escrever uma carta à revista *Veja*, sugerindo uma reportagem especial sobre o aniversariante. Na correspondência, ele também citou a intenção de criar o clube na cidade pernambucana. Até aquele momento, o Clube Drummoniano encontrava-se no campo das ideias, não existia ainda de forma concreta. Com a aceitação da proposta de matéria, um repórter veio à cidade para registrar o lançamento do Clube. A revista dedicou nove páginas da edição nº 478, de dois de novembro de 1977 ao poeta mineiro e, em um box intitulado "Apóstolos", abordou a história inicial dos seguidores de Drummond em Petrolina. E assim, de forma inusitada, os Drummonianos surgiram.

Elisabet Moreira conta que foi convidada para participar do clube assim que chegou à cidade, talvez devido à sua formação acadêmica em Letras. O grupo formado por dez amigos escritores passou a realizar reuniões na residência do poeta Raulino Sampaio. Pouco tempo depois, Apolinário e Raulino enviaram uma carta a Carlos Drummond de Andrade comunicando-o da existência do Clube. O poeta ficou tão lisonjeado com a homenagem que enviou livros e continuou escrevendo cartas aos petrolinenses com palavras de incentivo:

> ...se o clube foi fundado, e quer reunir poetas e intelectuais em geral, vamos fazê-lo eficiente e útil à comunidade... sugiro a ampliação da biblioteca inicial, de sorte a servir a estudantes e estudiosos, poetas e ficcionistas locais, dando-lhes maior contato com a criação literária, estimulando vocações, etc. (trecho de uma das cartas de Carlos Drummond de Andrade a José Raulino, 1977, apud MOREIRA, 1998).

No começo, os encontros eram realizados na residência de Raulino. Posteriormente, foram transferidos para a sede da Associação dos Artífices de Petrolina. Nessas reuniões, os

[9] Entrevista concedida por e-mail.

membros apresentavam trabalhos próprios, liam e discutiam a obra de Drummond e de outros poetas brasileiros.

Porém, os integrantes pretendiam ampliar o movimento e torná-lo mais evidente. Em 1978, o Clube conseguiu um espaço na rádio Emissora Rural, onde mantinha um programa semanal, além de uma coluna no jornal petrolinense *O Pharol*. Em outubro de 1979, os escritores lançaram a primeira edição da Revista do Clube Drummoniano de Poesia. Com uma editoração simples, em preto e branco, e nenhuma fotografia, a iniciativa foi considerada pelos próprios membros do clube como uma audácia. No texto de apresentação da revista, os Drummonianos assim definiam o perfil do veículo: "Queremos apenas poesia do homem, das coisas, do absurdo. Longe da ideia de uma corrente estética ou os limites de linhas arbitrárias: faz-se o que cada um gosta de fazer".

A segunda edição da revista foi lançada em 1980, um ano após o primeiro número. O novo exemplar foi impresso no Recife e apresentava um formato mais elaborado, com divisão editorial e duas fotografias em preto e branco. Uma terceira edição da revista chegou a ser montada, mas nunca foi publicada.

De existência meteórica, o Clube não prosseguiu com suas atividades, como explica Apolinário (2010):

> Geralmente movimentos com literatura têm curta duração. Talvez pela própria natureza deles. Sem falar no ambiente em que eles surgem, dominado pela limitação de ideias e dificuldades de recursos para concretização de seus objetivos. Tais dificuldades o clube enfrentou, porém conseguiu publicar duas revistas, o seu legado maior, a terceira ficou pronta e foi para a gráfica da Câmara em Brasília, mas voltou para Petrolina, sem ser impressa. A partir daí o Clube começou a perder terreno até que desapareceu como estão desaparecendo alguns que poderiam ter colocado o clube numa posição de reconhecimento pelos seus méritos[10].

Em relação aos principais integrantes do Clube, Raulino Sampaio faleceu em 1989. Apolinário mudou-se para Recife e atualmente trabalha como professor da Universidade de Pernambuco (UPE), em Nazaré da Mata. A professora aposentada Elisabet Moreira é a única que vive em Petrolina. O Clube foi extinto e deu origem ao núcleo regional da União Brasileira de Escritores (UBE), formado por uma nova geração de poetas que realiza encontros para discutir a literatura pernambucana e universal.

[10] Entrevista concedida por e-mail.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo contemporâneo tem, aos poucos, se enveredado pelos caminhos da literatura na tentativa de se tornar mais atraente, mais expressivo. A utilização de uma linguagem mais elaborada e expansiva revela o interesse do público por um jornalismo de aprofundamento.

Nesse sentido, o livro-reportagem constitui em uma oportunidade de apresentar um trabalho jornalístico abrangente e de recuperação da história. A liberdade proporciona ao escritor melhor desempenho, capacitação, abordagem, produto final. É inegável a validade e importância de um livro-reportagem.

Considerando o objeto de estudo, não poderia ser outro o formato que melhor externe o tema em análise. A opção pelo formato de livro-reportagem não se trata apenas de uma escolha orientada pelas preferências subjetivas dos autores deste artigo, mas também corresponde a um esforço de elaboração de um produto experimental com características jornalísticas. Pretendemos, através dele, realizar um registro escrito dos aspectos históricos relacionados ao Clube Drummoniano de Poesia, e com isso alcançar um possível universo de leitores que se interessam pelo tema.

Trata-se de uma iniciativa com vistas ao resgate da história, da memória social. Olhar para trás e trazer à tona o passado proporciona grande aprendizado. O registro histórico do Clube Drummoniano de Poesia proporcionará conhecimento às novas e futuras gerações influenciando-as à valorização e preservação de questões socioculturais do município. Também impulsionará novas pesquisas afins que ampliarão o tema e tornarão a história conhecida por muitos.

Afinal, não basta apenas informar, investigar e interpretar. É preciso retornar ao passado para compreendemos melhor o presente e nos autoprojetarmos para o futuro, onde, ainda assim, a informação nunca se perderá com o tempo, pois faremos dela um registro permanente e em páginas ampliadas.

5 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **Alguma Poesia.** Belo Horizonte: Pindorama, 1930.

_____. **Sentimento do Mundo.** Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1940.

_____. **A rosa do povo.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

APOLINÁRIO, José Olivá. **Entrevista Pro. Apolinario** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <kelpeixe@ig.com.br> em 8 outubro 2010. Arquivo anexo.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

DRUMMOND além da imagem. **Veja,** São Paulo, n. 478, p. 86-94, 2 nov. 1977.

FAVA, Antonio Roberto. A dialética iluminada de Drummond. **Jornal da Unicamp,** Campinas, ano 17, n. 194, 14 a 20 out. 2002. Disponível em: <http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/outubro2002/unihoje_ju194pag01.html>. Acesso em: 10 jul. 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editor Vértice, 1999.

JOVECHELOVITCH, Sandra & BAUER, Martin. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 3. ed. Barueri: Manole, 2004.

MOREIRA, Elisabet Gonçalves (Org.). **Poética Ribeirinha:** Antologia Literária de Petrolina. Petrolina: Universidade de Pernambuco, 1998.

MOREIRA, Elisabet Gonçalves. **Entrevista concedida em 23 de setembro de 2010.** Transcrição de gravação oral.

PENA, Felipe. **O jornalismo Literário como gênero e conceito.** In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília, 2006. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/20010/1/Felipe+Pena+de+Oliveira.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2011.

RÉCHE, Daniela Werneck Ladeira. **Literatura e Jornalismo:** Relações entre Memória e Esquecimento. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-werneck.pdf>. Acesso em: 17. jul. 2011.

SALES, Alessandro Carvalho. Entre o jornalismo e a literatura: a *belle époque* e o *new journalism* no Brasil. **Communicare:** Revista de Pesquisa da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero**,** São Paulo, v. 6, n. 1, p. 77-95, 2006.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Drummond:** o gauche no tempo. Rio de Janeiro: Record, 2008.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.